

Três grupos de trabalhos delimitam o escopo da exposição de Monica Mansur: Cintilações, Galácticas e Paisagens Luminosas. Cada um deles, aparentemente, tem em comum uma forma determinada de apresentar a imagem: sobre um fundo negro, sobre um fundo transparente e sobre um fundo branco (ou quase... em realidade, é o prateado do espelhamento que nos aproxima do branco). Todos eles, porém, são resultado de um mesmo processo de concepção de imagem: seus pontos de partida materiais são exames clínicos – processos relativamente “fotográficos”, digamos – manipulados e convertidos por impressão, que tornam a imagem algo desvinculado de sua origem objetiva; ou seja, um meio de dar ao trabalho daí resultante a autonomia que a artista dele exige.

Em que pesem os meios técnicos utilizados – uns altamente sofisticados, outros que poderíamos classificar como “low-tech”–, são os problemas de ordem visual e conceitual que interessam nesta exposição. Problemas, por exemplo, que dizem respeito à estreita relação entre aquilo que podemos ver e o que não podemos ver. Os exames clínicos de onde parte a artista – exames que dão a ver aquilo para o que não há, em princípio, luz suficiente para a visão (o interior de nosso corpo vive em trevas...) – e cuja “aparição” diante de nossos olhos se dá pela desvinculação entre o que significam (para um clínico, para nós) e o que parecem significar. A criação de um sistema de imagens que, à primeira vista, pode parecer derivado de ideogramas (ou fragmentos deles) mas cuja origem lhes é completamente estranha. Ou a apresentação de uma série em que a água (75% do corpo humano) faz parte integrante do discurso visual – onde o visível se apresenta contra a transparência, ou melhor, *por causa dela*.

Não sem alguma ambigüidade, Monica constrói essas imagens de modo que possamos dispensar o conhecimento de sua origem mas ao mesmo tempo precisemos estar conscientes desse conhecimento para poder dispensá-lo. Outra característica destas três séries é a elegância que os trabalhos exibem, mesmo que

estejamos convencidos da pouca (ou nenhuma) elegância que costumemos atribuir ao interior de nossos corpos (de nossas vísceras). O que mais fica, contudo, do conjunto ora mostrado é o empenho em constituir um campo determinado de atuação sobre o olhar, de seu disciplinamento, de modo a fazer da experiência visual um momento privilegiado de organização do mundo, ainda que a ordem daí encontrada – que deriva de fenômenos luminosos – seja oriunda da mais absoluta obscuridade de que partam. Uma experiência de recriação que se fundamenta na instituição de um caos onde outros vêem uma ordem, para em seguida transformar este caos em uma nova ordem, e de outra natureza.

Reynaldo Roels Jr.
março de 2007